

Entre os deputados que tomaram posse, um ex-guerrilheiro do Araguaia e o major que o combateu.

Genoíno e Curió: outras armas.

71

Dois participantes da Guerrilha do Araguaia, o então guerrilheiro José Genoíno Neto e um dos comandantes das Forças Militares, major Curió, tomaram posse ontem na Câmara e vão conviver diariamente no Congresso nos próximos quatro anos. Genoíno disse que não deseja sequer cumprimentar Curió. Mas Curió pretende continuar combatendo o ex-guerrilheiro: "Com armas diferentes, com o diálogo" — explicou.

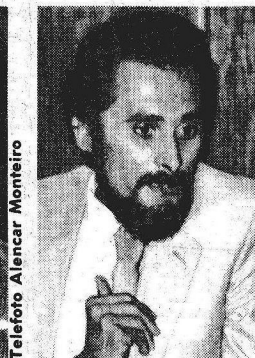
A Guerrilha do Araguaia foi o movimento armado mais importante do País depois de 1964 e ocorreu no Sul do Pará de 1970 a 1974. Genoíno Neto, hoje deputado do PT de São Paulo, disse que participou dois anos do movimento, de 1970 a 1972. Mas o deputado Sebastião Curió, do PDS do Pará, revelou que a fase mais aguda da guerrilha foi de 1973 a 1974. Admitiu ter conhecido Genoíno "muito rapidamente" e não quis fazer maiores comentários sobre o assunto, dizendo que o momento não era "oportuno".

"Prometo grandes revelações sobre essa guerrilha" — disse ele. "Mas agora o movimento não é oportuno. O assunto ainda está em banho-maria." Garantiu, contudo, que se o deputado Genoíno Neto falar sobre a guerrilha do Araguaia da Tribuna da Câmara, "ele, sem dúvida, não ficará sem resposta".

O deputado Genoíno Neto disse que não pode apontar o deputado Sebastião Curió como um dos seus torturadores, porque permaneceu amarrado e encapuzado durante todo o tempo em que permaneceu preso e submetido a interrogatório. Nos dez dias que ficou detido em Xambioá, Norte de



Curió



Genoíno

Goiás, foi identificado apenas como lavrador, o que não impediu os choques elétricos, afogamentos e as queimas com cigarro, sinais que traz ainda hoje nas suas pernas e braços.

Em abril de 1972, Genoíno foi trazido para Brasília, ficando preso e incomunicável durante nove meses no setor militar. Daquele período, ele só lembra um nome, major Oto, e de ver as luzes da cidade de uma pequena janela de sua cela. "Ver Brasília hoje sem capuz foi um deslumbramento" — disse ele. Até nas suas saídas para o hospital, nas crises agudas de malária que pegou no Araguaia, Genoíno disse que ia encapuzado.

Depois ele foi transferido para São Paulo e "para evitar que a Nação tivesse conhecimento da guerrilha, o governo decidiu processar-me pelas minhas atividades ante-

riores — presidente do Diretório Central dos Estudantes e vice-presidente da UNE — e fui condenado a cinco anos de prisão".

Genoíno Neto disse que o fato de estar hoje no Parlamento "não significa negar a violência justa daqueles explorados e oprimidos, mas uma forma nova de luta, cujo sentido maior é a mobilização da classe operária fora do Parlamento". Considera o Poder Legislativo "decorativo, porque tutelado por um regime ditatorial", mas reconhece que houve avanços, "na medida em que pude assumir uma postura aberta diante da população, sem esconder a minha trajetória e as minhas convicções políticas e ideológicas contra o regime que aí está".

Para ele, o caso do atentado a bombas no Riocentro, as denúncias de irregularidades administrativas, corrupção e a recente acusação de envolvimento do SNI na morte do jornalista Alexandre von Baumgarten, "são apenas o fio da meada de coisas muito mais sérias que ocorreram e ocorrem nessa rede de repressão e intrigas que existe na esfera militar".

Já o deputado Sebastião Curió acha que tudo "são águas passadas" e que a maior prova disso é a eleição de um ex-guerrilheiro para a Câmara. Advertiu, porém, que se ele "persistir na mesma ideologia de luta na Câmara, aqui também estaremos em trincheiras opostas. Só que as nossas armas hoje são diferentes, o que é mais simpático e menos contundente". Para ele, somente por meio do diálogo "estaremos concorrendo para a concretização das promessas do presidente Figueiredo de redemocratizar o País".